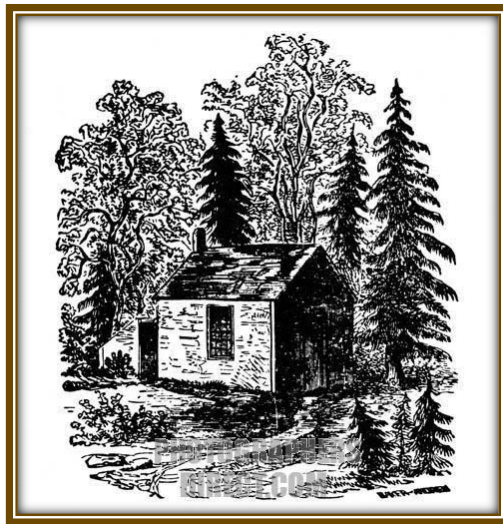


Filosofia e Cuidado

A simplicidade como caminho para a paz



Casa de Henry Thoreau às margens do lago Walden

Facilitador

Angelo Pereira Campos

Abordagem da atividade filosófica como princípio original do diálogo, manifestação do logos. Apresentar a noção do cuidado (de si, do outro, do mundo) em observação a uma possibilidade de vida ancorada na simplicidade e na inteireza do ser. Consideração sobre o conceito de diviplicação, a natureza transdisciplinar da filosofia e a ética.

Filosofia e cuidado – a simplicidade como caminho para a paz

Angelo P. Campos¹

*O mundo habitado oferece a todos os homens
capazes de amizade uma única casa comum:
a Terra.*

do pórtico de Enoanda.

A filosofia como atividade do cuidado é chamada de Medicina da Alma. Com este intuito acercaram-se dela pensadores como Pitágoras, Epicuro, os Órficos e os Terapeutas. Tudo é fonte de cuidado, respeito e amizade para o homem que renova incessantemente sua ligação com o *Kosmos*.

No mundo moderno temos o forte compromisso de Henry Thoreau como modelo e inspiração para movimentos pacifistas como os de Gandhi e Luther King, bem como os movimentos ambientalistas, naturalistas e mais recentemente os movimentos de simplicidade voluntária e *slow food* (ecogastronomia).

Encontramos a expressão desse tema em mentes iluminadas, na expressão de sublimes poesias ou ensinamentos de valores universais. No Tao, o *caminho* é a simplicidade, a exemplo do *Wu-wei*, a ação pela não-ação (ou a ação perfeita), em harmonia com o todo. É simples porque não impera nela nenhuma força, nenhuma violência. O poeta Kabir (1440-1518) e a poetisa Mirabai (1498-1547) pregavam a simplicidade do caminho alegre e natural, *sahaja*.

Semelhante atitude encontramos em Gandhi, que advogava em sua filosofia a prática de *satiagraha* (força da verdade) e *ahimsa* (não-violência-ativa). *Satiagraha* e *ahimsa* são formas pacíficas de um ativismo emoldurado pela desobediência civil.

Cuidar envolve ternura, mas também castração. O cuidado é sentimento e ação da originalidade humana. Não se contenta na superficialidade, esta característica básica da sociedade atual. Cuidar exige reflexão e por isso mesmo, transgressão. É a arte de analisar quem somos e o que fazemos com a vida, como nos relacionamos com o tempo, como compartilhamos os amores. É uma audácia, ser capaz de mergulhar em si mesmo, no nevoeiro do desconhecido. O que se chama ontologicamente de *caminho* é a busca incessante. Estar no caminho é já tê-lo encontrado. É a *cor-agem*, ação do coração.

¹ Filósofo (UFMG), Psicanalista (GREP), especialista em Abordagem Transdisciplinar (UNIPAZ/FACISA).

Simplicidade

Do grego *haplous* (απλούς), “a fala da verdade”, para o latim *simplex* (simples). A simplicidade era considerada o valor mais alto para os antigos. Em Platão temos um exemplo, na República, de escolha da vida com base na sabedoria e na virtude mais elevada, quando a alma de Ulisses opta pela vida mais simples, aquela que ninguém quis para si, a vida do homem comum, longe do glamour, da fama e da glória. Ulisses chegou a uma conclusão com base na pura visão da realidade, a *simplicitas*.

Simplicidade é a capacidade de ver o real sem comprometimentos, visão límpida. A visão da não separatividade. A visão da clara luz. *Sim – plicitas* é a visão livre da “dobra”.

Nas Escolas de Mistérios dos antigos gregos, *haplous* (ou simples) é o momento em que a alma se eleva às virtudes, à beleza. Para os gregos havia quatro estágios da palavra mântica, a palavra plena de inspiração, de significação. Primeiro a palavra previsional (inspirada); segundo o augúrio; terceiro a possessão das musas e por fim a palavra relacionada a Eros. Chamava-se *haplous* aquela palavra previsional fundada em Eros quando transformada na palavra fundada em Apolo: a fala da verdade. A fala que atinge o destino certo, o logos divino.

O orfismo apresenta o transcurso da palavra na significação da vida e do ensino de Orfeu, personagem de inspiração mito-poética. Orfeu representa a transição de Dioniso, o culto terreno, a Apolo, o culto celeste. Trouxe aos gregos e à posterior tradição de mistérios a palavra previsional através da poesia lírica. Orfeu conhece em profundidade a terra e o céu.

No Evangelho Segundo Mateus, quando Cristo (ser divino, inspirado e simples) diz: “Se teu olho for *simples*, todo teu corpo será luz” (MT 6,22). A maioria das traduções do texto bíblico verte *haplous* por puro ou bom. Não é razoável, se levarmos em conta a dimensão noética da palavra. Não por acaso, uma das mais antigas representações do crucificado traz inscrita o nome simbólico de “Orfeu Báquico”.

Uma reflexão de Thoreau merece destaque, em relação à amizade, ao sentido de uma vida simples:

“Nunca deveríamos fazer cerimônia com a sinceridade. Nunca nos enganaríamos, nem insultaríamos ou enxotaríamos um ao outro por conta de mesquinhasias, se o núcleo de dignidade e amizade estivesse presente. Nem sequer nos encontraríamos assim às pressas. Há muitas pessoas que não encontro nunca porque parecem não dispor de tempo; estão ocupados com seus feijões. Não deveríamos entrar em contato com um sujeito mourejando assim, reclinando-se na enxada ou na pá como arrimo nas pausas do trabalho, não feito um cogumelo, mas em parte erguido do solo, algo mais ereto, feito as andorinhas pousadas e andando no chão, de modo que podíamos até suspeitar que estávamos a conversar com um anjo”.

Paz

Estudos relacionados ao tema “paz” não possuem uma cátedra específica. Demanda uma visão transdisciplinar e transcultural. A paz é tomada de consciência e busca de caminhos para resolução do sofrimento que os seres humanos se infligem mutuamente. Investigar a paz demanda compreender a tensão, o medo, a angústia, a agressão e os vícios. Compreender que um estado de existência livre de conflitos não é necessariamente pacífico, mas estagnado.

Tomamos três elementos para reflexão:

1. Nossa condição terrena, nossa origem do húmus, através da qual estamos intimamente irmanados à Terra, seja como *mátria* (mãe) seja como *pátria* (nação), no sentido de que precisamos cuidar da terra, manter uma relação de paz, para nos mantermos.
2. Essa mesma participação terrena nos lembra do princípio da humildade (húmus), do qual tiramos o adjetivo “humano”. Também *humilis*, que significa “de pouca altura”, nos informa a respeito de nossa condição rasteira, mais perto do chão do que do céu.
3. Os relacionamentos humanos, por fim, marcados pela pluralidade, em sentido duplo de igualdade/diferença.

A respeito desses três elementos podemos dizer que o fruto do esquecimento de nossa origem traz-nos a ideia de dominação, de usurpação da terra. Faz-nos crer em uma superioridade humana sobre o mundo. Olhamos a terra como *recurso* e não mais como *mãe* ou *irmã*. A causa da humanidade é ser Deus. A recusa da humildade, negação da origem, indica o caminho da conquista, da violência, da imposição de forças (econômica, política, militar) como moto da ação sobre outros seres humanos. Esquecimento da igualdade e exaltação da diferença. Em nome da “causa”, em nome da “diferença” efetua-se todo tipo de ação contrária a um princípio mínimo de convivência pacífica. Em nome da indústria efetua-se a degradação total e, mais recentemente, em nome do que se chama de “era do conhecimento”, desconhecemos ainda mais, a nós mesmos, ao outro e ao mundo. Boa parte do exposto remete à noção de *hybris*, a desmedida, contendo ainda as noções de orgulho, arrogância, confiança excessiva.

A proposta da vida simples é transfigurar a desmedida contemporânea. Partimos do princípio da evolução noogênica, ou seja, qualificar a evolução crescente do conhecimento para a criação de sistemas de organizações humanas baseadas no intercâmbio e na integração. Isso exige a passagem da cultura organizada na defesa para a cultura organizada na ética do cuidado. Evidente a demanda por uma nova consciência e investimento em educação. Não é tarefa pela qual devemos “esperar”.

Sobre o conceito de diviplicação

•
Símbolo: χ
•

Diviplicar: neologismo. Divi + Plicar. Do latim *divi* (de divino) + *plicar* (de dobrar, fazer pregas, vincar, frangir). Dividir para multiplicar.

Aplicação: filosofia, sociologia, antropologia; terapia; atividades do cuidado; pedagogia; teologia.

Significado filosófico: Significa envolver-se com o que é divino, sagrado, maravilhoso. Compartilhar a beleza em suas múltiplas possibilidades.

Significado teológico: Deus, a Natureza, o Kosmos e tudo o que há no Universo, existe, subsiste, transforma-se e permanece por constante diviplicação de si mesmo. O Todo é o Um diviplicado. O Um é o Todo diviplicado. Os milagres relatados na vida de figuras divinas como Krishna, Mahavira, Buda, Jesus, Maomé e Nanak, entre outros, são resultado de diviplicação.

Significado TransD: Transmutar. Perceber no individual o Universal. As diversas disciplinas e suas teorias autodiviplicam-se continuamente, transformando-se positivamente, ampliando o conhecimento em direções múltiplas, às vezes insondáveis.

Na pedagogia: a relação ensino/aprendizado fundada na diviplicação insere mestre e discípulo no mesmo nível educacional. O mestre reelabora do que ensina na relação com o outro. Constrói-se enquanto orientador permitindo explicitar o que está latente. O outro se faz mestre nessa parceria. O inusitado, o inesperado deve ser colhido como traço de autonomia, ganhar significado, o sentido e a fruição.

Significado terapêutico: O mergulho profundo do para-si no em-si. Compreensão de que o ser-para-a-morte é o ser-para-a-vida. Manifestação do pleno potencial do Self. Consciência de que emoção, criatividade e afeto se potencializam na diviplicação, i. e., a auto descoberta e a auto compreensão transcendem o sujeito. Em outros termos, o sujeito diviplicado realiza emoção, criatividade, afeto e outras atividades psíquicas consoante à descoberta das potencialidades psíquicas de outros seres. O cuidado de um reflete no cuidado do outro indefinidamente.

Significado Ético: ver, no vulgar, o divino; no desprezado, o enaltecido; participar em todos os sentidos da vida. O cuidado do homem consigo, com o outro, com o mundo, com tudo o que vive é um constante diviplicar de si mesmo: reconhecer-se em todos os seres e em todas as coisas. Algo impossível na dimensão do conhecimento, mas somente na dimensão do amor.

Na Matemática²: dadas as incógnitas X e Y (sendo X e Y $\neq 0$) temos que:

$$X \overset{\cdot}{\underset{\cdot}{\times}} Y = Z + \infty$$

Que se lê: X diviplicado³ por Y é igual a Z mais Infinito.

Uma operação algébrica impossível. O resultado é sempre positivo, imprevisível e incalculável.

Sobre diviplicar

O dadivoso

O que há de melhor no Universo

Em dimensão acima se encontra.

Se buscamos, não o encontramos.

Se amamos, o recebemos.

(Angelo P. Campos, 25 de fevereiro de 2013).

² O conceito não existe na matemática, nem temos por princípio integrá-lo na disciplina enquanto técnica ou cálculo. No entanto há um trabalho acadêmico específico que faz uso do termo, de autoria de dois pesquisadores dinamarqueses, Rasmus K. Ursem e Thiemo Krink do Departamento de Ciência da Computação da Universidade de Aarhus, intitulado “Genetic Programming with Smooth Operators for Arithmetic Expressions: Diviplication and Subdition”, disponível no link:

http://www.daimi.au.dk/~ursem/publications/RKU_CEC2002_smooth_operators.pdf

³ A utilização que fazemos do termo não tem relação técnica com as ciências exatas, sendo, antes, fruto da criatividade e dos usos possíveis da palavra.

Música

Simplicidade (Pato Fu)

Vai diminuindo a cidade
Vai aumentando a simpatia
Quanto menor a casinha
Mais sincero o bom dia

Mais mole a cama em que durmo
Mais duro o chão que eu piso
Tem água limpa na pia
Tem dente a mais no sorriso

Busquei felicidade
Encontrei foi Maria
Ela pinga e farinha
E eu sentindo alegria

Café tá quente no fogo
Barriga não tá vazia
Quanto mais simplicidade
Melhor o nascer do dia.

Receita de simplicidade:

Arroz, peixe frito e salada

Ingredientes: Cenoura, tomate, cebola, alface, azeitonas. Peixe (carapau ou caxuxu).

Modo de preparo: refogue a cenoura, a cebola e o tomate e depois coloque o arroz. Misture bem e deixe cozer. Corte e tempere o peixe e depois frite. Sirva com a alface e as azeitonas.

Para acompanhar, sirva um copo com água. Em ocasiões muito especiais, recomenda-se um copo de vinho.

Trata-se de uma receita de simplicidade, baseada no cardápio de Epicuro de Samos. O ideal consiste em nunca inserir mais que três ingredientes e nunca refestelar-se sozinho. Mais importante que o alimento é a companhia. Receita de amizade.

Indicação de livros

ABDALLA, Maurício. **Uma janela para a filosofia**. São Paulo: Paulus, 2004.

EPICURO. **Carta sobre a felicidade**. São Paulo: UNESP, 1997.

THOREAU, Henry. **Walden**: a vida nos bosques. Porto Alegre: L&PM, 2010.

SCHOPENHAUER, Arthur. **A Sabedoria da Vida**. São Paulo: Edipro, 2012.

Indicação de filmes

Derzu Uzalá

Akira Kurosawa, Japão/URSS, 1975, 141m

Walden

<http://www.youtube.com/watch?v=YfACjJrbHy4>



Este trabalho está licenciado sob a Licença Atribuição-NãoComercial-SemDerivados 3.0 Brasil da Creative Commons.